

# **COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS DORES - UBERABA-MG (1940-1966); Educação feminina**

GEOVANA FERREIRA MELO

GERALDO INÁCIO FILHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA/APOIO FAPEMIG.

## **RESUMO**

Os Objetivos deste trabalho é apresentar os resultados da investigação realizada no Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba/MG no período 1940-1966; evidenciar a gênese da referida Escola, seus marcos históricos, processos pedagógicos, enfocando, principalmente a educação da mulher; estudar as práticas de leitura e produção de textos, a partir dos conteúdos do Jornal O N. S. das Dores, organizado pelas alunas. A investigação teve como ponto de partida o arrolamento de ex-alunas, o nome dos pais e respectivas profissões. Da documentação existente na secretaria do Colégio destacaram-se os livros de ata de reunião pedagógica, de reuniões administrativas, livros de matrícula, de resultados finais, de inspeção. Além disso, consultamos os jornais e revistas que circularam na época e estão disponíveis no Arquivo Público Municipal de Uberaba/MG. Questões relacionadas à educação e ao Colégio foram captadas através da leitura de periódicos que circularam na cidade à época. Realizamos um trabalho de leitura e fichamento da literatura referente à cidade e região. Também a legislação vigente no período foi importante fonte para os estudos. Analisamos os depoimentos de ex-alunas e ex-professoras envolvidas com o colégio no período em pauta.

Palavras-chave: História da Educação; História de Instituição; Colégio Nossa Senhora das Dores.

## **Introdução**

O interesse pela História das Instituições Escolares surgiu a partir da experiência acumulada como bolsista de Iniciação Científica durante o processo de catalogação de fontes documentais nas instituições educacionais de Uberaba. Este trabalho foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira, que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. A pesquisa foi realizada nas cidades de Uberlândia, Uberaba e Araguari, contando com o esforço de vários bolsistas de Iniciação Científica, coordenados pelos professores da UFU, com financiamento inicial do CNPq e, posteriormente, da FAPEMIG.

O desenvolvimento dos projetos de pesquisa sobre a evolução do ensino a partir de uma instituição educacional tenta recuperar a trajetória das principais instituições escolares, demonstrando sua importância para o desenvolvimento sócio-cultural de uma região, propondo uma interligação entre o singular (escola) e a História da Educação Brasileira. Além da valorização das produções historiográficas no nível regional, estes

projetos contribuem para a compreensão de uma história com enfoque local e nacional, dando-nos, por isso, a idéia de que a história é também feita com a participação de sujeitos sociais, e estes não foram apenas figurantes no seu tempo, mas sim atores que empreenderam um fazer histórico.

O conjunto de documentos que consultamos a respeito dos conteúdos curriculares composto dos Relatórios de Inspeção Permanente, Fichas de Classificação, além dos depoimentos, retrata o ambiente cultural vivenciado no Colégio Nossa Senhora das Dores, durante os anos 1940 a 1960. Ali primava-se por uma educação refinada, permeada de valores religiosos, sensibilidades, imagens e gestos cuidadosamente construídos, que traçavam os contornos da “moça de família” bem preparada para assumir sua função social de esposa-mãe.

É importante ressaltar que a sociedade daquela época atribuía à educação um papel fundamental, no sentido de que a escola era co-responsável pela boa formação das moças. De acordo com “a concepção originária de educar – do latim *educare*, que significa endireitar o que está torto, concepção que justifica a adoção de métodos autoritários de enquadramento da infância e da adolescência” (RAGO, 1985, p. 150), pois à escola era atribuído o papel de “formadora” do caráter de suas educandas.

Educar, para além de instruir, significava a formação completa que ia desde o domínio do Francês às boas maneiras, os trabalhos manuais, prendas domésticas, dentre outras atribuições femininas.

É necessário considerarmos que toda a organização curricular, não aconteceu de forma inocente e neutra de transmissão do conhecimento historicamente acumulado. Pelo contrário, a estrutura do currículo sempre implicou em relações de poder, transmitindo visões de mundo, valores e interesses. Nesse sentido, “o currículo produz identidades individuais e sociais particulares” (MOREIRA E SILVA, 1995, p. 8).

A partir da análise de documentos que configuraram o currículo no Colégio Nossa Senhora das Dores, foi possível observar a intencionalidade dos processos de formação, explicitados em coerência com o “modelo” de aluna que se quis formar naquele determinado contexto, naquela época. Dessa forma, entendemos que o currículo não é um elemento atemporal, mas possui uma história, assinala épocas de acordo com as formas específicas de organização da sociedade na qual esteja inserido. Verificamos, assim, a necessidade de

*[...] planejar “cientificamente” as atividades pedagógicas e controlá-las de modo a evitar que o comportamento e o pensamento do aluno se desviassem*

*de metas e padrões pré-definidos [...] havia preocupação com os processos de racionalização, sistematização e controle da escola e do currículo[...] (MOREIRA E SILVA, 1995, p. 9).*

Nos relatos das ex-professoras observamos que havia, realmente, grande rigor no preparo das aulas e a preocupação em cumprir os programas pré-estabelecidos. Além disso, a vigilância constante proporcionava o controle das ações pedagógicas. Por exemplo, sempre que algum (a) professor (a) leigo (a) fosse ministrar aulas, havia a presença de uma religiosa dentro da sala. A respeito dessa idéia, no art. 51 do Regulamento Interno, podemos ler que:

*A escolha do corpo docente deverá basear-se em elementos seguros, de apreciação do mérito científico, da capacidade didática e dos predicados morais do candidato, que deverá respeitar a moral católica (COLÉGIO N. S. DORES, Regulamento Interno, Cap. V – Dos docentes, 1953, p. 5).*

Todo esse complexo de precauções com relação à organização curricular e o cumprimento deste pelo corpo docente, configurou o Colégio Nossa Senhora das Dores como o que “ocupa a vanguarda dos nossos melhores estabelecimentos do Estado de Minas Gerais” (COLÉGIO N. S. DORES, Ata de Termo de Visita do Inspetor, 1941, p. 87).

O conjunto das disciplinas, acuradamente elaborado, caracterizava-se pelas fases de planejamento e seleção das atividades, pelas coordenadoras (madres e priora), execução pelas professoras e avaliação sistematizada, o que detalharemos mais adiante.

O currículo era composto de conteúdos que possibilitariam o maior alcance dos objetivos educacionais. Tais objetivos encontram-se refletidos na proposta de educação das Irmãs Dominicanas, de acordo com a prescrição no Regulamento Interno: “O Colégio Nossa Senhora das Dores, foi fundado e é mantido pelas Religiosas Dominicanas, com o objetivo principal da educação moral e religiosa da juventude (COLÉGIO N. S. DORES, cap. I – Dos fins do Colégio, 1953, p. 1).

Nesse sentido, foi preciso estruturar o trabalho pedagógico de modo que a formação das alunas, desejada pelas famílias e pela sociedade, fosse assegurada. Assim, ao matricularem suas filhas no Colégio, as famílias tinham ciência da formação educacional a qual as alunas estariam submetidas.

Percebemos, ao longo do estudo, que algumas disciplinas tinham maior destaque em relação a outras, guardando, inclusive, algumas curiosidades. Por exemplo, o que se entendia em relação às prendas domésticas naquele contexto, para as alunas internas, era o conjunto de habilidades e saberes que as moças de família deveriam dominar, tais como

saber receber visitas, sentar-se à mesa, manusear agulhas e pincéis, tocar um instrumento musical (piano, de preferência), dentre outras qualidades que compunham o objetivo central da educação feminina, basicamente emoldurado pela idéia de formar:

*[...] jovens cultas, polidas, sociáveis, mas, acima de tudo, cristãs, católicas convictas, que difundissem na família e na sociedade os valores do catolicismo conservador [...] Formar na prática das virtudes e ornar o espírito com o saber humano (MANOEL, 1996, p. 76).*

Diante dessa responsabilidade, a escola enfrentava o desafio de fazer desabrochar nas educandas qualidades essenciais à mulher, oferecendo às alunas um aparato de conhecimentos que a sociedade patriarcal considerava pertinente e apropriado para as moças das classes sociais economicamente privilegiadas. Nesse sentido, o internato enquanto recurso pedagógico era o grande aliado das práticas educacionais, pois, as crianças ficavam isoladas de todo o contato com o mundo externo. Assim, as famílias deveriam buscar meios apropriados para livrar suas filhas de tal experiência. No colégio, em regime de internato, ficando isentas desse contato, principalmente durante os primeiros anos da juventude, as alunas seriam resguardadas das más influências e livres dos pensamentos negativos presentes nesse mundo externo. De acordo com Ivan A. Manoel,

*Ao término do ciclo de estudos, as alunas teriam sido fortalecidas, de tal modo que ao voltarem para o “mundo exterior” não seriam corrompidas por ele, mas, ao contrário, deveriam ser fortes o bastante para atuarem como focos de recristianização da sociedade (MANOEL, 1996, p. 77).*

É possível observar a partir dos relatos, a preponderância da Religião em detrimento das outras disciplinas. Segundo alguns depoimentos as aulas iniciavam-se e terminavam seguidas de orações, além disso, os retiros quinzenais em companhia das religiosas e de padres dominicanos reforçavam o caráter confessional da educação.

A importância da religião no currículo escolar e o caráter dogmático dos processos educacionais justificam-se pelo fato de se tratar de uma escola confessional católica. Esses procedimentos em relação à religião, algumas vezes, influenciaram certas alunas a entrarem para a vida religiosa. Apesar disso,

*[...] a maioria das alunas se casaram, outras tornaram-se religiosas. O Colégio oferecia uma preparação para o casamento, para a vida em família, para a vida religiosa também, mas, apesar disso, ninguém falava para nos tornarmos freiras. Quem tinha vocação, era despertada (Ir. Leoni).*

Interessante destacar que algumas alunas tinham uma representação de Deus a partir do medo, do castigo, porque as próprias professoras – a maioria religiosa – incutiam nas

alunas esse temor. Diziam, por exemplo, que Deus iria castigá-las, caso desrespeitassem alguma regra ou cometessem deslizes.

No período correspondente aos anos 1950, o Colégio oferecia os cursos jardim da infância, primário, ginásial, colegial e de formação de professores, num total de aproximadamente 900 alunas matriculadas, das quais, havia cerca de 140 internas. A partir da análise de documentos, observamos que o quadro docente era composto basicamente pelas religiosas, salvo raras exceções.

De acordo com as idéias presentes no texto da Ir. Rose de Lima, citado anteriormente, é possível compreender que:

*A instrução religiosa e moral deve consistir no ensino de algumas orações, dos mandamentos de Deus, do Credo e deve ser dada por professores religiosos e de bons costumes. Os professores ensinarão os princípios da moral cristã e a doutrina da religião católica, apostólica, romana (LIMA, s.d, p. 38).*

A exigência de que o ensino fosse ministrado exclusivamente pelas professoras religiosas permaneceu até o final dos anos 1920, quando a escola começou a admitir professores leigos. No entanto, era necessário que esses professores, além de serem católicos, comprovassem respeitabilidade e moral exemplar. Essa comprovação dava-se por meio de Atestado de Boa Conduta, expedido pelo Bispo da cidade. Além disso, os (as) professores (as) do Colégio destacavam-se por sua grande cultura, competência e comprometimento, conforme observamos no relato abaixo:

*Os processos pedagógicos eram sempre atualizados. Nossas mestras, muito cultas, tinham excelente formação, a maioria delas na França, mormente na Sorbonne. Tive excelentes professoras, das quais nunca me esquecerei. Citarei apenas algumas, entre tantas: Ir. Domitila, professora de Português, poetisa e membro da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Ir. Celéstia, com quem aprendi o melhor Português e que me valeu o primeiro lugar num concurso para o Serviço Público Federal, pois consegui nota 100 na prova de redação[...] (Thereza Mendonça).*

## Quadro I

### Distribuição de professores e disciplinas nos cursos ginásial e colegial

| SÉRIE-CURSO   | DISCIPLINA   | PROFESSOR (A)  |
|---|--|--|
| 1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> , 3 <sup>a</sup> e 4 <sup>a</sup><br>série do curso<br>ginásial | Português<br>Latim<br>Francês<br>Matemática<br>História do Brasil<br>Geografia | Ir. M. Augusta – Ir. M. Celestia<br>Ir. M. Lucília – Ir. M. Rita<br>D. Olga Oliveira – M. Heloísa<br>D. Tarquilina – Ir. M. Rosa<br>Ir. M. Bernadete – Ir. Tarcila<br>Ir. M. de Loreto – Ir. Tarcila |

|                                    |  |   |
|------------------------------------|--|---|
|                                    | Desenho<br>Trabalhos Manuais<br>Canto<br>Economia Doméstica<br>Religião  | Ir. Marieta – Ir. M. Lucilia<br>Ir. M. Laura – Ir. M. Teresinha<br>Ir. Cecília<br>Ir. M. Teresinha<br>Regente de turma  |
| 1ª, 2ª, 3ª série do curso colegial | Português<br>Latim<br>Espanhol<br>Francês<br>Inglês<br>Matemática<br>História Geral<br>Geografia Geral<br>Física<br>Química<br>História Natural<br>Filosofia<br>Desenho<br>Educação Física<br>Religião | Ir. M. Celestia<br>Ir. M. Anais<br>Ir. M. Anais<br>Ir. M. Heloísa<br>Yuki Kauano Pucci<br>Ir. M. Virginita<br>Ir. Josefina<br>Ir. M. de Loreto<br>Dr. Jorge Kalapodopulus<br>Dr. Jorge Kalapodopulus<br>Dr. Jorge Kalapodopulus<br>Ir. M. Virginita<br>Ir. M. Virginita<br>Norma Abadia de Oliveira<br>Regente de turma |

Fonte: Relatório organizado para a obtenção da inspeção permanente como colégio de fevereiro de 1953.

O quadro acima indica-nos as disciplinas trabalhadas nos diferentes níveis de ensino e o nome do(a) professor(a) responsável. Traz, em números, a idéia exata de que dos 27 docentes, havia apenas seis leigos e desses 27, somente um professor do sexo masculino, responsável pelas disciplinas consideradas, na época, “matérias mais voltadas para a educação dos homens”, quais sejam Física, Química e História Natural, que eram ministradas pelo renomado médico Dr. Jorge Kalapodopulos.

Apesar do currículo enciclopédico, detalhado, amplo e teórico, podemos constatar, a partir da análise dos relatos que as alunas sentiam-se parte da elite instruída, dotadas de alto nível de conhecimentos. Aliás, essa idéia encontra-se presente na maioria dos depoimentos:

*As Irmãs preparavam muito bem a dona de casa, mãe de família, porque nessa época poucas mulheres trabalhavam fora do lar, mas aquelas que prestassem concursos seriam bem sucedidas, pois a formação era bem completa e profunda (Ir. Terezinha Prado).*

Nos arquivos do Colégio localizamos a Circular nº 3, de 21 de fevereiro de 1953, a qual transcrevemos na íntegra, pois a partir das designações dessa circular, as religiosas fizeram algumas adaptações na grade curricular, conforme as recomendações que se seguem no documento:

*A Portaria 81, de fevereiro de 1953, baixada pelo Senhor Ministro, tem como objetivo principal permitir uma certa flexibilidade no currículo adotado pelo texto rígido da lei. Com tal flexibilidade, o que se pretende é fazer com que o estudo se faça mais intenso do que extenso, mais de formação do que de informações. Para isso, a Portaria indica e sugere as disciplinas sobre as quais o ensino deve repousar e insistir: o português e a matemática (para todo o ensino), as ciências, sobretudo, para o curso científico; e as línguas, inclusive o latim e o grego, quando for o caso, bem como a filosofia para o curso clássico. A insistência sobre essas disciplinas, consideradas essenciais, implicará num desenvolvimento maior do programa a elas relativo e numa exposição mais sucinta do programa das demais matérias. A Portaria, finalmente, distingue na parte relativa aos trabalhos manuais, o que deve ser dado a meninos, do que deve ser ensinado às meninas (BRASIL, circular nº 3, 1953).*

De acordo com essas recomendações, observamos que uma maior atenção passou a ser conferida ao ensino do português e da matemática, além da especificidade das outras matérias. Também é possível verificar, no conteúdo do documento supracitado, a explicitação do ensino sexista: o que os meninos deveriam aprender diferia, e muito, dos saberes ensinados às meninas, no que tange aos trabalhos manuais.

Em relação às disciplinas curriculares (quadro I), podemos observar um currículo vasto, composto de matérias que proporcionavam uma formação geral e ilustrada. Havia, diariamente, aulas de religião, nas quais as mestras trabalhavam trechos do Evangelho, comentavam passagens Bíblicas, faziam referências aos ensinamentos de Jesus, dos Apóstolos e, principalmente sobre a vida da Virgem Maria – exemplo a ser admirado e seguido pelas alunas, conforme comentamos no capítulo anterior.

Nas aulas de trabalhos manuais as alunas aprendiam pintura, bordado, crochet, tricô, desenho artístico, confeccionavam álbuns, tapetes, forros, jogos de quarto e cozinha, dentre outras peças componentes do enxoval. Além disso, havia a disciplina de Economia Doméstica cujo programa foi reimplantado em 1929 nas grades curriculares do ensino ginásial e secundário. A cadeira de Economia Doméstica prestava-se à divulgação sistematizada de conhecimentos em torno da química alimentar, higiene, cozinha e puericultura.

A respeito dessa idéia, Suely Teresa de Oliveira (1989, p. 49) declara que:

*Sob a ótica do discurso técnico-racionalizador em expansão, caberia à Escola e não mais à família, a preparação da dona de casa competente de forma científica e racional. A “perfeita” dona de casa seria aquela que dominasse um saber-fazer doméstico fundamentado nos processos científicos do trabalho, cujo instrumental seria divulgado por um determinado tipo de escolarização.*

A partir dos estudos técnico-científicos desenvolvidos na cadeira de Economia Doméstica, as alunas estariam preparadas para assumirem, de forma competente seu papel no lar, inclusive com relação aos conhecimentos sobre a maternidade, a vida e o desenvolvimento da criança. A metodologia utilizada pelas mestras, nessa disciplina, consistia em aulas expositivas e montagem de álbuns confeccionados pelas alunas. Esses álbuns eram ilustrados por gravuras e desenhos que deviam retratar o conhecimento adquirido, passo a passo.

Havia destaque também para a disciplina Polidez, que era ministrada pela regente de turma. Nessas aulas as alunas aprendiam, com certo tom de requinte, como comportar-se em público, a postura correta do corpo, enfim regras essenciais a uma boa formação. No relato da professora Maria de Loreto encontramos maiores detalhes em relação a essas aulas:

*Cada uma de nós era responsável por uma turma e a essa função dava-se o nome de Regente de turma. A regente de cada turma, ministrava um horário de Religião ou de Polidez por dia, para as alunas que estavam sob sua responsabilidade. Para preparar socialmente as alunas [...] As aulas de Polidez eram dadas conforme o modelo de mulher brasileira, inclusive porque nós recebíamos três ou quatro obras editadas aqui no Brasil que ensinavam como se comportar em sociedade, à mesa, numa sala, como receber e como fazer uma visita, tudo isso elas aprendiam. Inclusive havia um livro que era francês, mas acontece que a polidez francesa é universal, os franceses são muito bem educados[...] (Ir. Maria de Loreto).*

Todo esse esforço concorria para que as alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores, fossem reconhecidas socialmente como as moças bem preparadas de Uberaba e região.

Observando a documentação atinente aos programas de ensino, constatamos que havia grande segurança, por parte da equipe pedagógica do Colégio ao elaborar seus currículos, organizar os saberes escolares e distribuir a carga horária. Assim, podemos entender que a escola, “nessa época sabia o quê e como ensinar (...) os professores sabiam exatamente em que lição deveriam estar numa determinada época do ano” (BUFFA & NOSELLA, 1996, p. 84-85). Essa segurança quanto aos programas refletia-se no alto conceito e prestígio que as Irmãs Dominicanas obtiveram da sociedade uberabense, conforme as palavras de ex-alunas:

*A opção de estudar no Colégio Nossa Senhora das Dores foi pelos valores morais. Era o Colégio mais conceituado da cidade, o que oferecia mais cultura e formação religiosa. Era um Colégio elitizado (Thereza Mendonça).*

*O Colégio Nossa Senhora das Dores foi pioneiro no Brasil Central, era o polo educacional da região. Sendo uma escola confessional católica, havia muito rigor, a educação bem rígida em termos religiosos (Maria Délia).*



Os escritos encontrados nas Atas de Reunião da Congregação referiam-se, principalmente, à organização dos conteúdos e quais os tópicos de maior importância. Havia, nessas atas, comentários pormenorizados sobre as diversas cadeiras, o que faremos alusão a seguir.

Em relação ao conteúdo de Português as orientações compunham-se no sentido de valorizar as obras clássicas da literatura, desenvolver o gosto pela leitura e escrita, desenvolvendo a capacidade de analisar estilos e demais leituras. Várias referências feitas com relação à prática pedagógica da leitura silenciosa, enquanto “verdadeira fonte de fácil e perfeita compreensão”. Grande preocupação também com a grafia correta das palavras, sintaxe e a boa caligrafia. Durante a leitura das Atas de Inspeção verificamos constante apelo do (a) inspetor (a) com relação ao “idioma pátrio”. Essa cobrança deveria ocorrer por parte de todas as professoras, em todas as disciplinas, conforme a seguinte solicitação: “Em relação aos critérios de julgamento computar os erros de linguagem em todas as provas...” (COLÉGIO N. S. DORES, Livro de Ata de Inspeção, 1946, p. 9).

Em outro Relatório podemos ler a seguinte recomendação:

*[...] pediu (a inspetora) grande atenção ao português, cadeira básica para os respectivos cursos. Disse ainda, que, se devido (sic) aos erros de português, abaxem-se as notas nas outras matérias, devia-se, então para o idioma pátrio, exigir-se um total superior às demais cadeiras (COLÉGIO N. S. DORES, Livro de Ata de Inspeção, 1943, p. 25).*

Quanto ao ensino da Matemática, os professores deveriam ser capazes de tornar a matéria mais atraente, destruindo o “horror”, que, em geral, as alunas alimentavam por esse conteúdo. De acordo com a Ata da Congregação, datada de 1947,

*as alunas não querem saber do esforço (sic) mental, por isso, o estudo da matemática exigirá do professor maior soma de paciência, explicações repetidas, exercícios contínuos para o desenvolvimento do raciocínio (COLÉGIO N. S. DORES, 1947, p. 30).*

O estudo das Ciências, Geografia e História, segundo o conteúdo de algumas atas, não deveria priorizar o “ensino decorado”, mas sim, estimular, nas alunas, o julgamento e raciocínio crítico, a pesquisa, o levantamento de problemas e, principalmente, o estudo sobre “os heróis e nossos grandes homens”. Localizamos no Livro de Ata de Inspeção o seguinte conselho: “[...] ênfase no estudo da biografia dos grandes vultos nacionais, dos que disseram do Brasil (sic) os grandes patriotas da nossa terra” (COLÉGIO N. S. DORES, Ata de Inspeção, 1949, p. 33).



**Figura 1: Alunas do Colégio realizando exercícios físicos em 1939.**

Quanto às cadeiras de Desenho, Trabalhos Manuais, Educação Física (figura 1 acima), Música e Canto, esses conteúdos deveriam ser trabalhados no intuito de auxiliar o desenvolvimento do programa das outras disciplinas. Algumas ex-alunas, em seus relatos, teceram comentários sobre o valor das aulas de música, nas quais elas tinham a oportunidade de ensaiar peças e executar sinfonias de renomados compositores como Mozart, Beethoven, Chopin, dentre outros.

Ainda em análise das Atas de Inspeção, verificamos apontamentos com relação às aulas de francês, no sentido de aconselhar as professoras a visarem menos o ensino teórico e mais à prática do idioma, procurando desenvolver a leitura, a compreensão de textos e a fluência verbal da língua francesa.

De acordo com a análise dos documentos nos arquivos do Colégio, observamos que a presença do (a) inspetor (a) era constante, até duas vezes por semana, sendo que em época de exames havia o acompanhamento diário. O conteúdo das atas de inspeção demonstra que a figura do (a) inspetor (a) era preponderante. Sua ação era abrangente: desde a fiscalização de documentos, horários, grade curricular, cadernos de planejamento de aula,

além das reuniões mensais com a diretora e professoras do Colégio para avaliação do trabalho docente e “aconselhamentos pedagógicos”, conforme verificamos a seguir nesses fragmentos das atas:

*No curso de formação também são úteis os exercícios sobre correção de frases. E, ao lado desses exercícios práticos, cultivar o gosto pelo conhecimento de nossas obras de literatura [...] Tudo isso exige trabalho, e trabalho bem feito, isto é, realizado com amor e alegria, do contrário, não rende. Não se trata de estudar visando apenas uma boa nota, um emprêgo, uma recompensa humana qualquer, mas estudar com uma visão superior. Hoje, há a grande preocupação do **superficial**, o desejo da **aparência**. É necessário combater a mediocridade, para isto, devem as Mestras exercer uma influência salutar sobre as alunas, a fim de que elas tomem responsabilidade e dêem o máximo de seu esforço...* (COLÉGIO N. S. DORES, Ata de Inspeção, 1949, p.33).

Em outra reunião destacamos “um balanço” realizado pela Fiscal, Sra. Eunice de Souza Lima:

*Iniciou a Sra. Fiscal, convidando as Mestras para um balanço entre as forças positivas e negativas na educação. Notou eficiência nas forças positivas, salientando entre elas a formação moral dada às educandas, como alicerce básico na personalidade de cada uma, formação esta que repercutirá em todos os tempos, na sociedade concorrendo, assim, para a formação moral de outros indivíduos* (COLÉGIO N. S. DORES, Ata de Inspeção, 1955, p. 40).

Em outra ata encontramos alguns elogios com relação ao trabalho desenvolvidos pelas educadoras dominicanas e o mérito dessa árdua função de educar:

*(...) felicitou as Mestras e dirigiu, em seguida, uma palavrinha de elogio, de amizade e agradecimento às mestras que, na sua opinião, muito trabalharam e realizaram milagres conseguindo muita coisa boa deste material humano tão fraco e tão difícil de se lidar que são as alunas de hoje* (COLÉGIO N. S. DORES, Ata de Inspeção, 1946, p. 30).

A concepção educacional vigente na época está estampada nas palavras acima, ficava claro que as alunas eram consideradas como “almas” que precisavam ser modeladas, dominadas, formadas.

Com relação às questões ligadas à sexualidade, podemos dizer, a partir dos depoimentos, que se tratava de um tema silenciado pela escola e pela família. A abordagem do assunto era feita estritamente no campo científico, ou seja, de acordo com as “leis” das ciências biológicas. Essa idéia, relacionada à omissão dos temas ligados à sexualidade, está condizente com o fato de que:

*Historicamente é perceptível que a narrativa cristã sobre a bondade e a maldade está vinculada à oposição entre corpo e alma. O corpo, impuro, precisa ser transformado, controlado, disciplinado para atingir a perfeição*

*ou a imagem e semelhança de Deus. A negação do próprio corpo constitui, dessa forma, a elevação da alma cristã. A integridade da alma depende diretamente da contenção dos gestos, dos movimentos, da expressividade (SAYÃO, 2001, p. 310).*

O domínio do corpo, o exercício do autocontrole e a contenção dos gestos marcavam, sobremaneira, as práticas cotidianas. Nesse sentido, em consonância com os preceitos da religião católica, o corpo era algo que deveria ser resguardado sendo que, virgindade e pureza constituíam-se em valores indiscutíveis. Além disso, de acordo com o relato a seguir,

*[...] a pessoa adquiria autocontrole, tinha aqueles rituais que obedecíamos e seguíamos, por exemplo, o no mês de maio era um mês que ficávamos em função de Maria, eu me recordo que nós marcávamos no quadro negro e também nas cadernetas a quantidade de sacrifícios que tínhamos feito, sacrifícios físicos como abster-se de um doce, subir uma escada a mais, ou seja o sacrifício físico em benefício dos “créditos lá no céu”, sem falar nas orações que tornavam-se mais intensas nesse período. Rezávamos muito, na entrada das aulas, na saída para o recreio[...] Chegava o mês de outubro, que era o mês do Rosário, também dedicado a orações. Portanto, o ensino era bem voltado para a formação religiosa (Maria Délia).*

Assim, constatamos que o exercício dos “sacrifícios” tinha o objetivo de “fortalecer” as alunas e confirmar sua conduta, que deveria ser voltada para o bem, de acordo com os padrões da religião e da moral católica.

A análise do programa das disciplinas permite-nos afirmar que, além de conteúdos amplos e enciclopédicos, havia grande preocupação por parte das religiosas em trabalhar bem as matérias de ensino, de modo que as alunas pudessem assimilar o máximo de conhecimento. As aulas eram expositivas e duravam cada uma sessenta minutos sempre iniciadas com uma oração, conforme atestamos anteriormente. Segundo relatos de algumas professoras, a matéria era explicada e, durante a explanação, as alunas deveriam ficar atentas e em silêncio, depois faziam exercícios, tarefas, estudavam cada tópico. Ao final de cada unidade ou capítulo as alunas eram interrogadas a respeito do conteúdo estudado e avaliadas. Os cadernos eram constantemente recolhidos para receberem nota, para isso deveriam ser bem feitos, com primorosa caligrafia.



**Figura 2: Alunas do Colégio em Excursão, em 1952.**

Apesar da utilização de vários recursos didáticos citados nos relatos, como mapas, painéis, visita aos laboratórios, excursões (figura 2, acima) as práticas pedagógicas centravam-se na figura do (a) professor (a), delineando, assim, os contornos de uma pedagogia tradicional, com ênfase na memorização dos conteúdos, o que era predominante naqueles tempos. Em consulta aos exemplares do jornal interno “O N. S. das Dores”, percebemos a importância atribuída à produção escrita das alunas divulgadas na época como as “composições”. Havia destaque também para o hábito de ler “bons livros”. A biblioteca do Colégio (figura 12), segundo o relatório para inspeção permanente abrigava

*mais de uns três mil livros. A catalogação é feita por seção, cada uma tendo sua cor convenionada: literatura, verde; geografia e história, maravilha; física e química, vermelha; recreativa, azul; psico-pedagógica, roxa. As revistas didáticas mais modernas são assinadas pelo Colégio. Há livros didáticos e psico-pedagógicos em língua portuguesa (sic) e franceza (sic) dos melhores autores (COLÉGIO N. S. DORES, Relatório de Inspeção, 1953, p. 3).*

O jornal citado trazia a coluna “Literatura”, dedicada aos melhores comentários que as alunas faziam em relação às obras dos autores lidos. O espaço da coluna compunha-se

de análises, elogios, críticas aos autores e biografias destes. Geralmente, permeada de expressões que traduziam determinadas visões sobre a realidade brasileira, aspectos da natureza, das riquezas do país, evocando aspectos de costumes e figuras típicas presentes nas obras estudadas. Dentre as várias publicações da coluna citada, ressaltamos alguns fragmentos escritos pela aluna Regina Cunha, 2º ano Científico:

*José Lins do Rêgo foi um escritor paraibano [...] Seus romances têm uma produção excessivamente natural, devido ter o escritor, sido criado em terras semeadas dos vestígios de engenhos, e ter crescido no ambiente que transportou para seus livros. Sua literatura foi regional nordestina, romaneando principalmente os aspectos da casa grande e senzala [...] frisou nos temas de seus romances o sentimentalismo, melancolicamente brasileiro de nossas três raças tristes. José Lins do Rêgo, chama a cada passo a atenção para a natureza com pinceladas rápidas e de maneira muito interessante... (O N. S. das Dores, 1959, nº 12, p. 2).*

*Aluizio Azevedo, escritor maranhense [...] Era dotado de sentimentos opostos: ao lado de uma grande ternura, uma grande raiva [...] Seus romances, nem todos, são indignos de leitura. Em alguns de seus livros, vibram a insatisfação e a revolta [...] Aluizio Azevedo é um romancista desigual. É um autor que merecia uma edição de “obras escolhidas” e nunca de “obras completas”. Seus livros diferem um do outro pela diversidade de gosto e de mau gosto parecendo extremos de uma cadeira literária[...] (O N. S. das Dores, 1958, nº 2, p. 2).*

Além de comentários com relação aos escritores brasileiros, encontramos também várias referências principalmente a autores franceses como Antoine-Roger de Saint Exupéry, portugueses como Eça de Queirós e Júlio Diniz, escoceses como Archibald Joseph Cronin, dentre outros.

Outra coluna do mesmo jornal, intitulada “Os melhores livros”, compunha-se de sugestões de títulos que as alunas deveriam ler, por exemplo, *Homem algum é uma ilha*, de Thomaz Merton; *A Bíblia tinha razão*, de Keller; *Milagres em Lourdes*, de J. M. Mauriaie; *Entre dois mundos*, de Kathryn Hulme (O N. S. DAS DORES, 1958, Ano I, nº 3, p. 3). Em outro exemplar, havia as seguintes indicações para leitura: *Pequeno Príncipe*, de Exupéry, *Educação do caráter*, do Pe. Gillet, *Mistério do amor*, de Fulton Sheen (O N. S. DAS DORES, 1958, Ano I, nº 5, p. 4). A indicação das leituras era feita pelas alunas, no entanto, com o aval de suas mestras, pois, os livros deveriam tratar de conteúdos salutares que ajudassem na formação da personalidade das educandas.

Assinalamos que os autores mais estudados durante os anos 1940-1960 foram os seguintes: Machado de Assis, José de Alencar, Humberto de Campos, Tristão de Athayde, Álvaro Moreira, Guilherme de Almeida, além de Camões, que, de acordo com vários relatos, foi bastante explorado, passando desde profundas análises até a descrição pormenorizada de suas obras, conforme podemos ler no depoimento a seguir:

*A Irmã Celéstia me marcou muito, era a professora de Português, extremamente rígida. Aluna dela tinha que saber analisar e interpretar Camões. Fazíamos as análises e depois a Irmã Celéstia vinha de carteira em carteira conferindo quem fez (Maria Antonieta).*

Os contos de fadas e as histórias também eram valorizadas no Colégio Nossa Senhora das Dores. De acordo com o depoimento da professora Maria de Loreto (freira), as histórias eram muito úteis para ajudar a passar o horário do recreio:

*Eu herdei de meu pai o dom de contar histórias [...] Lia livros históricos de ficção, como A cabana do Pai Tomás, de Winetou, dentre outros. Contava as histórias mudando os trechos violentos e tristes. As alunas ficavam empolgadas [...] Nas histórias contadas e a literatura que se punha à disposição das alunas, nós procurávamos cultivar valores morais como o altruísmo, o domínio de si mesmo, o respeito, a justiça, o perdão, a paz, a religião e o amor (Ir. Maria de Loreto).*

Ressaltamos, de acordo com o relato acima, que as histórias eram escolhidas no sentido de que fossem úteis para ajudar no objetivo maior da educação dominicana – formação do caráter. Quanto ao fato de que “os trechos tristes e violentos” eram modificados, percebemos que as alunas tinham a oportunidade de conhecer, a partir das histórias e contos, apenas o lado da fantasia e da ilusão. Ou seja, eram resguardadas do lado ruim e cruel da realidade humana.

Havia, também, valorização à poesia, o que podemos comprovar na leitura dos exemplares do Jornal *O N. S. das Dores*. Os poemas escritos pelas alunas versavam, principalmente, sobre a fé, o modelo de mãe atribuído a Nossa Senhora. Além da escrita, as alunas faziam leitura e interpretação de poesias. Para ilustrar, vejamos o que Maria do Carmo Dias, aluna do 4º ano ginásial escreveu sobre o poeta Casimiro de Abreu, interpretando o poema *Orações*, de sua autoria:

*Nêste (sic) trecho o poeta nos fala do valor que tem uma prece saída de um coração puro. A alma se eleva ao céu, junto com o perfume da oração e Deus agradecido, recebe com longa adoração este cântico de amor das criaturas. A Virgem Maria, sentada no trono de ouro, cercada de anjos, sorri ao mundo e pede para ouvir as vozes inocentes, que sai dos lábios virginais de uma menina... (O N. S. DAS DORES, Ano II, nº 9, p. 2).*

Em outro exemplar do Jornal *O N. S. das Dores*, localizamos uma interpretação da poesia *Ave Maria*, de Olavo Bilac, produzida pela aluna Sônia Maria Campos, do 3º ano ginásial:

*O grande poeta brasileiro, Olavo Bilac, nos fala nesta bonita poesia, sôbre o entardecer: seis horas, a hora da Ave Maria! Meu filho, diz o poeta, o dia findou, no céu brilha a primeira estrêla, é hora de rezar a Ave Maria! ... (O N. S. DAS DORES, 1958, Ano I, nº 7, p. 3).*

Destacamos que o conteúdo das poesias e das composições, versavam, em grande parte, sobre temas ligados à importância da religião, o que é coerente a um processo educacional pautado nos ditames do catolicismo. Durante a leitura dos exemplares do referido Jornal, verificamos algumas poesias escritas pelas alunas nos idiomas francês e inglês.

Em alguns espaços do jornal, além dos comentários sobre os melhores livros, os sucessos musicais, indicação de autores, havia, também, uma coluna dedicada às “alfinetadas” que umas alunas davam em outras, em relação à disciplina, ao uniforme, ao cumprimento das obrigações escolares, dentre outros. Essa coluna intitulava-se *Água mole em pedra dura...*, na qual apareciam, constantemente, certos comentários como:

*[...] Irmã Maria disse outro dia, que a respeito de pintura com uniforme as alunas já haviam compreendido. Acontece, porém, que lá fora, depois do término da aula, as meninas vão para casa de batom[...] isto é sinceridade?! Estamos no Colégio para formar a nossa “Personalidade”, não nos esqueçamos disso[...]* (O N. S. DAS DORES, 1959, Ano II, nº 10, p. 3).

Em outro exemplar, nessa mesma coluna, verificamos outra crítica com relação ao uniforme “como o mau exemplo ‘pega’! No primeiro dia de retiro, uma menina foi ao Colégio de turbante. A Irmã avisou e ela não foi mais... O caso não é o turbante, pessoal, mas sim, turbante com uniforme! Isso não vai mesmo!” (O N. S. DAS DORES, 1958, Ano I, nº 5, p. 3). O uniforme deveria ser usado somente na Escola, as alunas externas não deveriam “desfilar” com o uniforme fora do Colégio.

Interessante, também, destacar o comentário feito no artigo intitulado *Falando de Cinema: como julgar um filme*, no qual a aluna Maria José da Cunha, do 3º ano de formação, informa às colegas os cuidados que se deveria ter na escolha de filmes:

*[...] uma das principais diversões de nossos tempos é o cinema, considerado como uma necessidade social. Cabe distinguirmos uma distração que poderá ser: útil ou nociva [...] Julgando um filme, devemos lembrar que será esta espécie de diversão que mais influencia a moral. Em suma: há duas razões pelas quais o filme pode influir poderosamente sobre a moralidade do indivíduo e da massa: em primeiro lugar, porque o filme, visto que trata da vida e do proceder de seres humanos, necessariamente preconiza ou inclui determinados princípios morais. Em segundo lugar, porque o filme deve levar o público a acatar, com simpatia, os mesmos princípios morais. Sendo êstes, honestos, então o filme ensinará o bem, sendo errados, o filme exercerá influência nociva. Para que assistamos a um bom filme, é necessário que observemos a censura, em particular, a católica, pois a sua principal finalidade é precaver a produção, a importação e a exibição de filmes que propõem ao público falsas normas morais e que, em consequência disso, contribuem somente para a decadência dos costumes. Sob “normas morais” devemos entender [...] as*



*que dizem respeito à vida sexual, que provêm do código do bem e do mal, que o próprio Deus gravou no coração do homem[...]* (O N. S. DAS DORES, 1959, Ano II, nº 13, p. 1).

As dicotomias entre o bem e o mal, o céu e o inferno, a virtude e o pecado, dentre outras difundidas pela religião católica, estavam presentes e eram alimentadas, constantemente, no decorrer do processo educacional das alunas. No relato acima, essa idéia de valores opostos fica clara, principalmente, no tocante aos princípios morais, que deveriam ser acatados segundo a religião cristã.

Em análise a esse e a outros artigos e comentários presentes nos exemplares do Jornal, podemos verificar que o teor dos escritos é de controle da moral, de aconselhamentos, de divulgação de valores e normas, no sentido de que as alunas adotassem posturas e modos de viver “saudáveis” e compatíveis com o perfil de moças bem-educadas e instruídas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pudemos observar que a intencionalidade dos processos educacionais da mulher, no contexto do Colégio Nossa Senhora das Dores, era condizente com os anseios da sociedade (patriarcal) na época, majoritariamente católica. Não havia preocupação com a formação profissional das alunas e a educação destinava-se a dois caminhos: preparar a aluna para ser boa esposa e mãe de família” ou para “despertar” nas educandas a vocação para a vida religiosa. O modelo “ideal de mulher”, de acordo com os padrões sociais vigentes na época, foi cuidadosamente disseminado nas práticas cotidianas, nos costumes e nos modos de agir daquelas pessoas que ali conviviam. No entanto, essas práticas foram incorporadas de diferentes maneiras por cada uma das alunas. Isso se explica pelo fato de que, segundo Foucault, as técnicas de poder são orientadas para a constituição da individualidade.

O objetivo da exposição – talvez exaustiva dos fragmentos dos relatos – foi de demonstrar que a educação dominicana teve relevante função no sentido de proporcionar às alunas uma formação completa e válida para as vivências extra-muros escolares. Em outros depoimentos a idéia da importância dos valores transmitidos pelas religiosas foram determinantes e facilitadores para a educação de seus filhos.

Ao verificarmos a trajetória de vida dessas ex-alunas, constatamos que a maioria delas casou-se e as que cursaram o ensino superior foram para a Faculdade de Filosofia e Letras Santo Tomás de Aquino, também dirigida pelas Irmãs Dominicanas, que ofereciam

os cursos de licenciatura. Constatamos, também, que, das quatorze colaboradoras, dez exerceram a carreira do magistério, uma é empresária, outra é enfermeira e duas são “do lar”. Dessas quatorze colaboradoras, cinco foram ex-alunas e tornaram-se religiosas. Concluímos, assim, que a formação oferecida pelo Colégio direcionou a vida das alunas, em grande parte, para a ocupação do magistério.

Acreditamos que o desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma maior compreensão do papel atribuído ao ensino católico na cidade de Uberaba, assim como, da contribuição e influências da Ordem religiosa das Irmãs Dominicanas na formação escolar da mulher uberabense.

No entanto, sabemos que, em virtude do tamanho de nosso objeto de estudo, outras faces ainda estão para serem desvendadas. Ao mesmo tempo, entendemos que não se encerra aqui nosso percurso de pesquisa, pois vislumbramos outros caminhos a trilhar.

### RERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUFFA, E. e NOSELLA, P. (1996). *Scholla Mater: A Antiga Escola Normal (1911 - 1933)*. São Carlos: EdUFSCar.
- \_\_\_\_\_. (1998). *A Escola Profissional de São Carlos*. São Carlos: EdUFSCar.
- FOUCAULT, M. (1996). *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Vigiar e Punir - Nascimento da prisão*. 23ed Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- GONÇALVES NETO, W. e outros (1997). História e Memória Educacional: gênese e Consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. *História da Educação*, Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, pp. 5-28
- INÁCIO FILHO, G. (2000). *A monografia na universidade*. 5ed Campinas: Papirus.
- LIMA, M.R. (s.d.). *Estudo sobre o meio de implantação das Dominicanas de Bor, no Brasil – no fim do séc. XIX*.(mimeo)
- LOPES, M. A. B. e outros (1986). *Dominicanas: Cem anos de missão no Brasil*. Uberaba: Vitória.
- MANOEL, I. A. (1992). *A presença católica na educação brasileira: 1859-1959*. Didática. São Paulo, nº 28, pp. 25-39.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Igreja e Educação Feminina (1859 - 1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: UNESP.
- MENDONÇA, J. (1974). *História de Uberaba*. Uberaba: Vitória.
- MOREIRA, A.F. e SILVA, T.T. (1995). *Currículo, cultura e sociedade*. 2ed. São Paulo: Cortez.

- MOURA, G.F.M. e outros (1998). Educação Feminina no Colégio Nossa Senhora das Dores. *Boletim CDHIS*, Uberlândia/MG, 11(22): 17-18, jan-jun..
- MOURA, G.F.M & INÁCIO FILHO, G. (2001). O Positivismo e suas influências na constituição dos modelos femininos: algumas correlações com a moral católica nas primeiras décadas do século XX. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia: UFU, vol. 8, nº 9, pp. 39-52.
- NÓVOA, A. (org.) (1992). Para uma análise das instituições escolares. *As Organizações escolares em análise*. Lisboa: D. Quixote, pp. 15-43.
- OLIVEIRA, S.T. (1989). Racionalizando a maternidade e o saber-fazer doméstico: Programa de Economia Doméstica e Puericultura da Escola Profissional Feminina de São Paulo, de 1929. *Pesquisa Histórica: Retratos da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, pp. 49-52.
- PERES, E.T.(1993). Relações de gênero, classe social e grupo étnico nos cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875 –1915). *Educação em Revista*. Belo Horizonte: UFMG, vol. 6, pp.23-39.
- PERROT, M. (1998). *Mulheres Públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP.
- PONTES, H. (1970). *História de Uberaba e a civilização no Brasil Central*. Uberaba: Gráfica Zebu.
- RAGO, L.M. (1985). *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SAMPAIO, A.B. (1971). *Uberaba: História, Fatos e Homens*. Vol. I, Uberaba: Ed. Vitória.
- SAYÃO, D. T. (2001). FRAGA, A. B. Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 164p. *Estudos Feministas*, 9(1), 310-313. (Resenha).
- SOUZA, V.L.P. (1991). *Entre o bem e o mal* (Educação e Sexualidade nos anos 60 – Triângulo Mineiro). São Paulo, (Dissertação de Mestrado, USP).
- THOMPSON, P. (1993). *A voz do passado – História Oral*. Trad. Lólio L. Oliveira. São Paulo: Paz e Terra.
- VERÍSSIMO, J. (1985). A educação da mulher brasileira. In: *A educação Nacional*. 3ed Porto Alegre: Mercado Aberto.

## **FONTES PRIMÁRIAS**

- BRASIL. (1953). Circular nº 3. Cópia nos arquivos do Colégio.
- COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1888-1906). Livro da ata de matrícula. p. 1-100.
- COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1913). Livro da ata de inspeção. p. 1-100.
- COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1940). Livro da ata de reunião da Congregação. p. 1-50.
- COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1943). Livro da ata de inspeção. p. 1-100.
- COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1946). Livro da ata de inspeção. p. 1-100.
- COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1947). Livro da ata de inspeção. p. 1-100.

COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1949). Livro da ata de inspeção. p. 1-100.  
COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1953). Livro da ata de inspeção. p. 1-100.  
COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1956). Livro da ata de inspeção. p. 1-100.  
COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1953). Regulamento Interno. Arquivo do Colégio.  
COLÉGIO N. SRA. DAS DORES.(1953). Ficha de classificação para obtenção da inspeção permanente como colégio. Arquivo do Colégio.

#### FONTES ORAIS - ENTREVISTAS

ABUD, A.H. (1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 17 maio.  
ANDRADE, M.D.P.(1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 14 maio.  
AZEVEDO, T.P. (1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 21 jun.  
BEGHELLI, M.L.M. (1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 12 maio.  
BICHUETTE, M.I.B.(1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 09 abr.  
DUARTE, L.P. .(1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 11 maio.  
FABRI, M.Q.(2001). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 06 jan.  
GEBRIN, R. .(1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 24 abr.  
LIMA, M.A.P. .(1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 26 maio.  
MANNA, R.A.I. .(1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 10 maio.  
NASCIMENTO, M.R.(1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 09 mar.  
OLIVEIRA, M.P. (1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 01 jun.  
RICCIOPPO, T.M. (1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 07 jun.  
SANTOS, O.C.M. (1999). Entrevista concedida a Geovana Ferreira Melo. Uberaba, 01 jun.